

Resiliência e drama ecológico

Leonardo Boff

Inegavelmente, estamos enfrentando, com o aquecimento global já iniciado, uma situação dramática para o futuro do planeta e da humanidade. Não apenas os grupos ecológicos estão altamente mobilizados, mas também grandes empresários e os Estados centrais e periféricos. Vivemos tempos de urgência, pois não é impossível que a Terra, repentinamente, entre num estado de caos. Até que ele se transforme em generativo, como ele sempre e, podem ocorrer catástrofes incomensuráveis, atingindo a biosfera e dizimando milhões de seres humanos. Não consideramos esta situação uma tragédia cujo fim seria desastroso, mas uma crise que acrisola, deixa cair o que é agregado e acidental e libera um núcleo de valores, de visões e de práticas alternativas que devem servir de base para um novo ensaio civilizatório. Depende de nós fazermos com que os transtornos climáticos não se transformem em tragédias, mas em crises de passagem para um nível melhor na relação ser humano e natureza.

É neste contexto que convém trazer à baila o conceito de *resiliência*, não muito usado entre nós, mas com crescente circulação em outros centros de pensamento.

O termo possui sua origem na metalurgia e na medicina. Em metalurgia resiliência é a qualidade dos metais recobrem, sem deformação, seu estado original após sofrerem pesadas pressões. Em medicina do ramo da osteologia é a capacidade dos ossos crescerem corretamente após sofrerem grave fratura. A partir destes campos, o conceito migrou para outras áreas como para a educação, a psicologia, a pedagogia, a ecologia, o gerenciamento de empresas, numa palavra, para todos os fenômenos vivos que implicam flutuações, adaptações, crises e superação de fracassos ou de estresse. Resiliência comporta dois componentes: resistência face às adversidades, capacidade de manter-se inteiro quando submetido a grandes exigências e pressões e em seguida é a capacidade de dar a volta por cima, aprender das derrotas e reconstituir-se, criativamente, ao transformar os aspectos negativos em novas oportunidades e em vantagens. Numa palavra, todos os sistemas complexos adaptativos, em qualquer nível, são sistemas resilientes. Assim cada pessoa humana e o inteiro sistema-Terra.

Os riscos advindos do aquecimento global, da escassez de água potável, do desaparecimento da biodiversidade e da crucificação da Terra que possui um rosto de terceiro-mundo e pende de uma cruz de padecimentos, devem ser encarados menos como fracassos e mais como desafios para mudanças substanciais que enriquecerão nossa vida na única Casa Comum. Resignar-se e nada fazer é a pior das atitudes pois implica renunciar à resiliência e às saídas criativas.

Os estudiosos da resiliência nos atestam que para sermos resilientes positivamente precisamos antes de tudo cultivar um vínculo afetivo, no caso, com a Terra: cuidá-la com compreensão, compaixão e amor; aliviar suas dores pelo uso racional e contido de seus recursos, renunciando a toda violência contra seus ecossistemas; o Norte deve praticar uma retirada sustentável no seu afã de consumo para que o Sul possa ter um desenvolvimento sustentável e em harmonia com a comunidade de vida. Importa alimentar otimismo, pois a vida passou por inúmeras devastações e sempre foi resiliente e cresceu em biodiversidade. Decisivo é projetarmos um horizonte utópico que dê sentido às nossas alternativas que irão configurar o novo que nos salvará a todos. Importa manter a saúde num ambiente doente e assim Gaia será também saudável e benevolente para com todos.

<http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm>

Resgatar o que perdemos

Leonardo Boff

Durante a Eco-92 no Rio de Janeiro, 1600 cientistas entre os quais havia 102 Prêmio Nobel de 70 países lançaram o documento *Apelo dos cientistas do mundo à humanidade*. Ai diziam: "Os seres humanos e o mundo natural seguem uma trajetória de colisão. As atividades humanas desprezam violentamente e, às vezes, de forma irreversível o meio ambiente e os recursos vitais. Urge mudanças fundamentais se quisermos evitar a colisão que o atual rumo nos conduz". Foi uma voz pronunciada no deserto. Mas agora, no contexto atual, quando os dados empíricos apontam as graves ameaças que pesam sobre o sistema da vida, elas ganham atualidade. Não convém menosprezar o valor daquele apelo.

Podemos alimentar duas atitudes face à crise ecológica: apontar os erros cometidos no passado que nos levaram à presente situação ou resgatar os valores, os sonhos e as experiências que deixamos para trás e que podem ser úteis para a invenção do novo. Prefiro esta segunda atitude. Por isso, importa fazer uma reescritura do momento presente, elencando mais que aprofundando dez pontos cruciais.

O primeiro é resgatar o princípio da re-ligação: todos os seres, especialmente, os vivos, são interdependentes e são expressão da vitalidade do Todo que é o sistema-Terra. Por isso todos temos um destino compartilhado e comum.

O segundo é reconhecer que a Terra é finita, um sistema fechado como uma nave espacial, com recursos escassos.

O terceiro é entender que a sustentabilidade global só será garantida mediante o respeito aos ciclos naturais, consumindo com racionalidade os recursos não renováveis e dar tempo à natureza para regenerar os renováveis.

O quarto é o valor da biodiversidade pois é ela que garante a vida como um todo pois propicia a cooperação de todos com todos em vista da sobrevivência comum.

O quinto é o valor das diferenças culturais, pois todas elas mostram a versatilidade da essência humana e nos enriquecem a todos, pois tudo no humano é complementar.

O sexto é exigir que a ciência se faça com consciência e seja submetida a critérios éticos para que suas conquistas beneficiam mais à vida e à humanidade que ao mercado.

O sétimo é superar o pensamento único da ciência e valorizar os saberes cotidianos, das culturas originárias e do mundo agrário porque ajudam na busca de soluções globais.

O oitavo é valorizar as virtualidades contidas no pequeno e no que vem de baixo, pois nelas podem estar contidas soluções globais, bem explicadas pelo efeito borboleta.

O nono é dar centralidade à equidade e ao bem comum pois as conquistas humanas devem beneficiar a todos e não como atualmente, a apenas 18% da humanidade.

O décimo, o mais importante, é resgatar os direitos do coração, os afetos e a razão cordial que foram relegados pelo modelo racionalista e é onde reside o nicho dos valores.

Estes pontos representam visões humanas que não podem ser desperdiçadas, pois incorporam valores que poderão alimentar novos sonhos, nutrir nosso imaginário e principlamente fomentar práticas alternativas. Somos seres que esquecem e recordam e que sempre podem resgatar o que não pôde ter oportunidade no passado e dar-lhe agora chance de realização. Por ai, quem sabe, encontraremos uma saída para a crucificante crise atual.

<http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm>

O palhaço de Kierkegaard e a crise climática

Leonardo Boff

Depois dos alarmantes relatórios do Painel Intergovernamental sobre as Mudanças Climáticas (IPCC) o pior que nos pode acontecer é deixar as coisas correrem como estão. Então iríamos alegremente ao encontro de nosso próprio fim. Tal atitude me faz lembrar o conhecido aforismo de Sören Kierkegaard (1813-1855), famoso filósofo dinamarquês, sobre o clown, um palhaço de circo. O fato, conta ele, é que estava ocorrendo um incêndio nas cortinas do fundo do teatro. O diretor enviou então o palhaço que já estava pronto para entrar em cena, avisar a toda a platéia do fato. Suplicava que acorressem para apagar as chamas. Como se tratava de um palhaço, todos imaginavam que era apenas um truque para fazer rir as pessoas. E estas riam que riam. Quanto mais o palhaço conclamava a todos, mais esses riam. Pôs-se sério e começou a gritar: "o fogo está queimando as cortinas, vai queimar todo o teatro e vocês vão queimar junto". Todos acharam tudo isso muito engraçado, pois diziam que ele estava cumprindo esplendidamente seu papel. O fato é que o fogo consumiu o palco e todo o teatro com as pessoas dentro. Termina Kierkegaard: "Assim, suponho eu, é a forma pela qual o mundo vai acabar no meio da hilariedade geral dos gozadores e galhofeiros que pensam que tudo, em fim, não passa de mera gozação".

Estas palavras de Kierkegaard se aplicam perfeitamente a muitos cientistas, empresários, bispos e até a gente do povo que pensam ser o aquecimento global uma grande enganação ou um alarme desnecessário. Dizem que o fenômeno é, em grande parte, natural e que a Terra tem condições por si mesma de encontrar o equilíbrio ótimo para a vida. E vivem como os ricos do Titanic, rindo e se afundando.

Por outro lado, muitos são os que tomam as advertências a sério, Estados e grandes instituições, também entre nós. Sabem que se começarem agora, com apenas 2% do PIB mundial, poderão equilibrar o clima global e continuar a aventura planetária com perspectivas de esperança.

O fato inegável é que estamos face a um problema global. Não afeta apenas este ou aquele ecossistema ou região mas seu conjunto, a biosfera e o inteiro Planeta. Somos todos interdependentes e as ações de todos afetam a todos para o bem ou para o mal. Tardiamente, só a partir dos anos 70 do século passado, ficou-nos claro que a Terra é um superorganismo vivo, Gaia, que regula os elementos físicos, químicos, geológicos e biológicos de tal forma que se torna benevolente para todas as formas de vida, especialmente, da nossa. Mas agora, dada a intervenção prolongada e persistente do processo produtivo mundial, ela chegou a um ponto em que não consegue sozinha se auto-regular. Precisa de nossa intervenção que vai muito além de apenas preservá-la e cuidá-la. Temos que efetivamente resgatá-la e curá-la. Pois, em termos cósmicos, é um planeta já velho, com recursos limitados e dificuldades de auto-regeneração.

Como somos o principal agente desestabilizador pode acontecer que ela não nos considere mais benevolmente e queira continuar sem nós. A dinâmica do processo de produção e consumo ilimitados não consegue manter o equilíbrio do planeta. Somos obrigados a mudar na linha do que sugere a Carta da Terra: assumir um modo sustentável de vida. Este somente se alcançará mediante a cooperação mundial e a percepção espiritual de que o planeta é Terra-mátria, prolongamento de nossa própria existência terrena.

<http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm>

Clima: a hora do acerto de contas

Leonardo Boff

Tenho um irmão, Waldemar, mais franciscano que eu, que trabalha nos meios muito carentes da Baixada Fluminense, tentando sempre passar aos mais pobres a preocupação ecológica. Há dias escreveu um artigo claro e convincente: "a hora do acerto de contas". Resumo-o pois poderá nos ajudar.

"Falam alguns, sobretudo nos países ricos e mais poluidores, que a tecnologia vai resolver o problema do aquecimento global. Assim podem continuar a gastar e a divertir-se, como os ímpios nos tempos de Noé.

Outros, mais sensíveis, falam em adaptação às mudanças de atitude e se preocupam com os países pobres que seriam em tese os mais vulneráveis. A solução seria diminuir o crescimento dos ricos e desenvolver os pobres para se chegar a um ponto comum sustentável. Mas quem acredita nisso? Não seria mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino da razão?

Os projetos desenvolvimentistas tipo Aliança para Progresso, apesar da boa vontade, não impediram a concentração da riqueza e o aprofundamento da pobreza.

Mas havia gente mais reflexiva que via na ajuda ao desenvolvimento nada mais do que uma pequena restituição do muito que se levou dos países pobres e que os programas deveriam ser movidos pelo espírito de corresponsabilidade pelo bem estar coletivo da família humana. Estes eram poucos e ao longo do tempo foram derrotados pelos fatos.

O discurso que se ouve hoje é que os ricos que mais contribuíram para o aquecimento global, de alguma forma se protegeriam, enquanto os pobres, que menos emitiram gases de efeito estufa, seriam os mais vulneráveis e conseqüentemente sofreriam mais, acumulando dores sobre dores. Na maioria dos discursos pouco se ouve sobre responsabilidade coletiva, pois no final de tudo, os ricos acabarão, como sempre, com a melhor e os pobres com a pior. Discursos éticos estariam fora de lugar em meio a discursos científicos. Mas a questão da justiça não pode ser calada, um dos temas centrais dos Profetas e do Evangelho.

Lembro-me do dilúvio devastador que sobreveio por causa das iniquidades humanas. Lembro-me de Sodoma e Gomorra que foram devoradas pelo fogo e enxofre. Lembro-me das pragas do Egito ocasionadas pela brutalidade do faraó contra os judeus escravizados. Lembro-me das bênçãos e maldições que acompanham a observância ou não das leis gravadas em pedra. Lembro-me, por fim, do Nazareno a caminho do Calvário: "chorai sobre vós e vossos filhos". Não consigo imaginar o mesmo destino para os idólatras do bezerro de ouro e para os adoradores do Deus vivo; para os cientistas e para os humildes condenados ao analfabetismo; para os banqueiros sem escrúpulos e para as viúvas da mísera pensão; para os epulões de banquetes infundáveis e para os lázaros chagados às portas da abundância.

Não seriam as mudanças climáticas o látigo de Deus que restabelecerá a justiça, mesmo que temporária? O que a razão e o amor não quiseram fazer, será feito, com grande sofrimento para todos, pelas grandes e eternas leis naturais. Mal consigo desviar o olhar do dia do acerto de contas, do dia do juízo. Se vai acontecer nesta geração ou nas vindouras não sei. Deus sabe. Mas como está não pode continuar. O planeta está sofrendo e clama por um novo equilíbrio e por um pouco de paz".

<http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm>

Saber Cuidar. Ética do Humano – Compaixão pela Terra

Leonardo Boff

Petrópolis, Ed. Vozes, 1999

“A categoria *cuidado* mostrou-se a chave decifradora da essência humana. O ser humano possui transcendência e por isso viola todos os tabus, ultrapassa todas as barreiras e contenta-se apenas com o infinito. Ele possui algo de Júpiter dentro de si; não sem razão, pois dele recebeu o espírito. O ser humano possui imanência e por isso se encontra situado num planeta, enraizado num local e plasmado dentro das possibilidades do espaço-tempo. Ele tem algo da Tellus/Terra dentro de si; é feito de húmus, donde deriva a palavra “homem”.

O ser humano encontra-se sob a regência do tempo. Este não significa um puro correr, vazio de conteúdos. O tempo é histórico, feito pela saga do universo, pela prática humana, especialmente pela luta dos oprimidos, em busca da sua vida e libertação. Constrói-se passo a passo; por isso, é sempre concreto, concretíssimo. Mas, simultaneamente, o tempo implica um horizonte utópico, promessa de uma plenitude futura para o ser humano, para os excluídos e para o cosmos. Somente buscando o impossível se consegue realizar o possível. Em razão dessa dinâmica, o ser humano possui algo de Saturno, senhor do tempo e da utopia.

Mas não basta suster tais determinações. Elas, na verdade, dilaceram o ser humano. Colocam-no distendido e crucificado entre o céu e a terra, entre o presente e o futuro, entre a injustiça e a luta pela liberdade.

Que alquimia forjará o elo entre Júpiter, Tellus/Terra e Saturno? Que energia articulará a transcendência e a imanência, a história e a utopia, a luta pela justiça e a paz, para que construam o humano plenamente?

É o *cuidado* que enlaça todas as coisas; é o *cuidado* que traz o céu para dentro da terra e coloca a terra dentro do céu; é o *cuidado* que fornece o elo de passagem da transcendência para a imanência, da imanência para a transcendência e da história para a utopia. É o *cuidado* que confere força para buscar a paz no meio dos conflitos de toda a ordem. Sem o *cuidado* que resgata a dignidade da humanidade condenada à exclusão, não se inaugurará um novo paradigma de convivência.

O *cuidado* é anterior ao espírito (Júpiter) e ao corpo (Tellus). O espírito humaniza-se e o corpo vivifica-se quando são moldados pelo *cuidado*. Caso contrário, o espírito perde-se nas abstrações e o corpo confunde-se com a matéria informe. O *cuidado* faz com que o espírito dê forma a um corpo concreto, dentro do tempo, aberto à história e dimensionado para a utopia (Saturno). É o *cuidado* que permite a revolução da ternura, ao tornar prioritário o social sobre o individual e ao orientar o desenvolvimento para a melhoria da qualidade de vida dos humanos e de outros organismos vivos. O *cuidado* faz surgir o ser humano complexo, sensível, solidário, cordial, conectado com tudo e com todos no universo.

O *cuidado* imprimiu a sua marca registrada em cada porção, em cada dimensão e em cada dobra escondida do ser humano. Sem o *cuidado* o humano far-se-ia inumano.

Tudo o que vive precisa de ser alimentado. Assim, o *cuidado*, a essência da vida humana, precisa também de ser continuamente alimentado. As ressonâncias do *cuidado* são a sua manifestação concreta nos vários aspectos da existência e, ao mesmo tempo, o seu alimento indispensável. O *cuidado* vive do amor primordial, da ternura, da carícia, da compaixão, da convivialidade, da medida justa em todas as coisas. Sem *cuidado*, o ser humano, como um *tamagochi*, definha e morre.

Hoje, na crise do projeto humano, sentimos a falta clamorosa de *cuidado* em toda a parte. As suas ressonâncias negativas evidenciam-se pela má qualidade da vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exaltação exacerbada da violência.

Não busquemos o caminho da cura fora do ser humano. O *ethos* está no próprio ser humano, entendido na sua plenitude que inclui o infinito. Ele precisa de se voltar para si mesmo e de redescobrir a sua essência, que se encontra no *cuidado*. Que o *cuidado* aflore em todos os âmbitos, que penetre na atmosfera humana e que prevaleça em todas as relações! O *cuidado* salvará a vida, fará justiça ao empobrecido e resgatará a Terra como pátria e mátria de todos nós.”